



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 22 - julho de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i22p40-54>

**O lugar do “outro” na autoficção: o antagonismo do “eu” nos
romances *Berkely em Bellagio* e *Lorde***

**The place of the “other” in autofiction: antagonism of the “I” in the
novels *Berkely em Bellagio* and *Lorde***

Ânderson Martins Pereira*
Ariane Avila Neto de Farias**
Mariane Pereira Rocha***

RESUMO

A autoficção redimensiona os limites da fronteira entre o real e o ficcional por se inscrever em um entre-lugar de ambos os conceitos. Esse gênero, por possuir um referente no mundo real, tem fomentado o surgimento de sujeitos fragmentados que são reflexos da contemporaneidade. Sendo assim, este artigo busca, a partir das contribuições de Mendes (2000) sobre o estudo do “outro” na literatura, discorrer sobre as relações entre o “eu” e o “outro” e as mútuas transformações decorrentes desse contato. Para este fim, *Berkeley em Bellagio* (2002) e *Lorde* (2004) foram eleitos para análise, sendo ambos romances autoficcionais do escritor João Gilberto Noll, que demonstram uma tensão entre o narrador e sua relação com o “outro”.

PALAVRAS-CHAVE: O “outro”; Autoficção; João Gilberto Noll

ABSTRACT

Autofiction reshapes the borders in between the real and the fictional, as it is placed in-between both concepts. This genre, by possessing a referent in the real world, has fostered the emergence of fragmented subjects that are reflections of contemporaneity. In this sense, and based on the contributions of Mendes (2000) about the study of the “other” in literature, this paper aims at discussing the relation between the “I” and the “other” as well as the mutual changes provoked by this contact. For such purpose, *Berkeley em Bellagio* (2002) and *Lorde* (2004) were chosen for analysis, since both are autofictional works of João Gilberto Noll, and they show a tension between the narrator and its relation with the “other”.

KEYWORDS: The “other”; Autofiction; João Gilberto Noll

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – RS; Instituto de Letras; Programa de Pós-Graduação em Letras – Porto Alegre – RS – Brasil – andersonmartinsp@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande – FURG – RS; Instituto de Letras e Artes; Programa de Pós-Graduação em Letras – Rio Grande – RS – Brasil – arianenetof@gmail.com

*** Universidade Federal de Pelotas – UFPel – RS; Centro de Letras e Comunicação; Programa de Pós-Graduação em Letras – RS – Brasil – marianep.rocha@gmail.com

A busca por elementos de realidade no texto ficcional sempre instigou a curiosidade dos leitores. A ponte para a concretude dos acontecimentos narrados se personifica muitas vezes na pessoa do autor. Fatos de sua vida são investigados, medidos e comparados com as características de personagens, espaços e universos por ele criados em suas histórias. Ainda que essa discussão seja banalizada, sob a premissa de que a ficção não tem compromisso com a verdade, é necessário discutir como proceder quando a realidade e a ficção se mesclam em textos literários. A autoficção não tem compromisso com o real, mas questiona tais fronteiras inscrevendo-se em um ambiente híbrido e do qual é inevitável a inserção da persona do autor. Em contrapartida, é necessário que haja o questionamento da aceitação dessas narrativas como representantes de uma verdade factual.

Os textos autoficcionais enfatizam a inserção do “eu” no texto e inscrevem simultaneamente a ele seu antagonista, o “outro”. Nessa perspectiva, este trabalho busca analisar o “outro” e sua relação com a persona do narrador em duas obras consideradas autoficcionais, *Berkeley em Bellagio* (2002) e *Lorde* (2004), de João Gilberto Noll. Noll é um exemplo de autor que traz à luz os jogos entre o real e o ficcional e a construção de personagens que parecem perdidos em vista da velocidade do mundo moderno. Escritor renomado tanto no cenário da literatura nacional quanto internacional, Noll possui 19 livros publicados. A carreira literária do gaúcho estreou com a coletânea de contos *O cego e a dançarina* (1980) e sua produção perpassou por diferentes gêneros, de romances adultos a juvenis. Recebeu cinco prêmios Jabuti e seu romance intitulado *Harmada* (1993) foi incluído na listagem dos 100 livros essenciais brasileiros da revista Bravo.

As obras aqui analisadas possuem vários pontos de contato entre si, bem como o universo ficcional e a vida do autor. Em ambas as narrativas a vivência com o “outro” é dificultada por obstáculos presentes em vários níveis, tornando as relações tensas e complexas. Dessa forma, a partir da inscrição do “eu” na literatura contemporânea, este artigo reflete acerca da formação desse ser autorreferente em contato com a persona do “outro”, presente nos textos de autoficção.

Definir o “outro” é uma tarefa que prima pela existência de um “eu” e vice-versa. Nessa analogia, o gênero autoficção é muito sintomático, pois reposiciona essa relação na literatura. Pode-se dizer que “[...] a autoficção se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita.” (KLINGER,

2007, p. 26). A partir dessa acepção, é interessante pontuar o momento autoral no qual a sociedade se insere. Nele, o autor não apenas necessita falar ao “outro”, mas precisa falar de si e recoloca sua figura em um terreno que se estende ao ficcional. Isso posto, percebe-se um grande rompimento com o ideal de um “eu” autobiográfico, até então proposto por Philippe Lejeune (2014). O pacto autobiográfico proposto pelo autor não possui relevância nos textos de Noll, pois o “eu” inscrito nessa literatura não objetiva ser leal ao factual; estabelece, porém, com o leitor um pacto novo que, por sua vez, “[...] pressupõe sempre a ambiguidade da referência, a sutileza da imbricação entre vida e obra, um leitor sempre em falso, driblado pela desestabilização de uma escrita de si em outros.” (AZEVEDO, 2005, p. 4 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 3).

Atenta-se, no referido discurso, que a presença do “outro” é indispensável para a caracterização ou descaracterização do “eu”. A emergência desse gênero reformula a relação entre leitor e obra. Se na ficção o leitor se questionava quanto à possível referencialidade dos acontecimentos na autobiografia; na autoficção, o leitor lida com ambas leituras simultaneamente, sendo convidado a todo momento a acreditar e desconfiar do narrador. Tal nomeação inicia-se com Serge Doubrovsky, que denomina seu romance *Fils*, publicado em 1977, sob essa categoria. Para o autor, “[...] nem autobiografia nem romance, e sim, no sentido estrito do termo, funciona entre os dois, em um reenvio incessante, em um lugar impossível e inacessível fora da operação do texto.” (DOUBROVSKY 1988, p. 70 *apud* KLINGER, 2007, p. 47).

Ainda assim, a concepção do autor acerca do conceito não rompe de todo com a autobiografia, pois, para ele, a autoficção não difere da primeira por não ter compromisso com o real. Em sua opinião, a autobiografia, ao ser perpassada pela memória e pela ferramenta da escrita, aparta-se de um ideal de verdade e a aproxima do ficcional. Ao expor esse raciocínio, Doubrovsky indaga qual seria, então, a diferença entre os conceitos de autoficção e autobiografia.

Responderei que, nesse meio-tempo, a relação do sujeito consigo mesmo mudou. Houve um corte epistemológico, ou mesmo antológico, que veio intervir na relação consigo mesmo. Digamos, para resumir, que nesse meio-tempo houve Freud e seus sucessores. A atitude clássica do sujeito que tem acesso, através de uma introspecção sincera e rigorosa, às profundezas de si passou a ser uma ilusão. (DOUBROVSKY, 2014, p. 116).

A explicação do autor tem em vista a diferença do “eu” inscrito em obras passadas e do inscrito na atualidade, apontando para um esfacelamento das fronteiras

conceituais que o limitam. A identidade contemporânea torna-se fragmentada e, portanto, autores e leitores não conceberiam a fixidez do “eu” como procedente. A assertiva de que a autobiografia não é reflexo do real é proposta também por Costa Lima (2007), que inscreve nessa discussão a existência de uma diferença do “eu” que escreve para o “eu” que é narrado na história. Essa distinção se circunscreveria à idade, ao tempo e aos pontos de vista entre esses dois seres apartados. Contudo, pode-se dizer que, ainda que a autobiografia não consiga chegar a um ideário de verdade factual, ela se propõe a isso e o leitor a recebe a partir desse contrato. Tal processo não ocorre na autoficção, na qual a legitimidade do narrado é questionada com frequência ao longo da narrativa.

Ainda que não haja consenso entre as fronteiras da autoficção, Doubrovsky (2014) destaca um ponto importante: a especificidade do sujeito contemporâneo e seu reflexo no gênero. Colaborando com essa singularidade, Trefzger pontua que

Se a autoficção incorpora estratégias autobiográficas numa narrativa que se assume como ficcional, poderíamos vislumbrar aí a performance de um gênero (o autobiográfico) posto na berlinda, de modo a reconfigurar o estatuto do sujeito que emerge não da ilusória coincidência entre autor empírico e narrador, mas do limiar entre vida e escrita, redefinindo inclusive o próprio estatuto da ficção? (TREFZGER, 2013, p. 2).

A autora destaca a autoficção sediada em um entre-lugar e, dessa forma, questiona a legitimação dos polos ficcionais e reais. Depreende-se, assim, que a autoficção oferece uma releitura sobre o lugar não só da autobiografia, mas também da ficção em si. Nesse entre-lugar, o “eu” é posto em destaque, mas suas relações com o “outro” não são menos evidentes, essas se instauram pela dificuldade do “eu” em dar vazão à verdade de si mesmo e de encontrar essa verdade e, sob esse viés, suas relações com o “outro” o auxiliam a lidar consigo mesmo.

É necessário pontuar, também, que a relação entre a dualidade “eu” e o “outro” é ainda intensificada na escrita contemporânea, por refletir uma sociedade alimentada pelo desejo de espetáculo. A questão da espetacularização é criticada por Mario Vargas Llosa, no livro de ensaios críticos *La verdade de las mentiras* (2002[1990]). Para ele, existe uma quebra generalizada da individualidade e de criticidade acerca da sociedade atual, ainda que a palavra subjetividade esteja sempre presente. Llosa se questiona sobre a existência de uma verdadeira subjetividade também no livro *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura* (2013), no qual denuncia

o empobrecimento da cultura no que tange à frivolidade da vida contemporânea. Todavia, a midiaticização dos indivíduos, sobretudo do autor contemporâneo, não é vista de forma negativa para autores como Klinger (2012) e Trefzger (2013), mas como singular e importante para observar as produções autoficcionalis da atualidade.

A autoficção, de acordo com Klinger (2012), seria marcada pelo retorno do autor morto pelos estruturalistas. Nas palavras da teórica, “[...] o autor retorna não como garantia última da verdade empírica e sim apenas como provocação, na forma de um jogo que brinca com a noção do sujeito real.” (p. 44, grifo do original). Assim, o autor tem o seu retorno marcado pela não detenção da autoridade sobre o texto, não podendo mais o leitor confiar nem no narrador, nem no autor. Para Trefzger, “[...] a autoficção assomaria não como ratificadora desse narcisismo elevado ao paroxismo, mas como problematizadora da constituição do sujeito inteiriço numa época, a nossa, que investe espetacularmente na proliferação de mitos.” (TREFZGER, 2013, p. 3).

Nas palavras da pesquisadora, “[...] esse diálogo com a espetacularização, que abrange um olhar crítico sobre ‘a superficialidade contemporânea’, incide diretamente no questionamento do sujeito pleno performando sua imprópria constituição totalizante.” (TREFZGER, 2013, p. 4). Dessa maneira, a autoficção seria, então, um gênero crítico que expõe o confronto do homem moderno com questões identitárias, colocando-o em face de diversos conflitos, entre eles o processo de formação de sua identidade cultural diante do mundo e as fronteiras cada vez menores dos conceitos de cultura, linguagem, raça, etnia e religião. Hoje, sabemos que a identidade e sua construção não dependem de uma simples identificação com um específico grupo social, cultura ou causa, mas que está vinculada à conjuntura, às relações sociais, materiais e simbólicas e aos padrões vividos.

O escritor João Gilberto Noll não parece fugir às tendências contemporâneas, já que em *Berkeley em Bellagio* (2002) e *Lorde* (2004) estão inscritos indivíduos que não apenas brincam com as fronteiras entre o real e o fictício, mas que as desconhecem. De modo geral, a obra do escritor constrói personagens fragmentados. Em ambas as obras, esses protagonistas não representam uma cisão com os demais personagens da obra de Noll, mas referenciam a todo o momento a pessoa do autor. Essa relação pode ser exemplificada no nome do narrador de *Berkeley em Bellagio* (2002) que se chama Joao, faltando apenas o acento til para ter o mesmo nome do escritor; e também na profissão de escritor dada aos protagonistas dos dois romances, já que eles conseguem, por meio de sua profissão, ir para o exterior como Noll também fora. O pesquisador Manuel da

Costa Pinto dedica um capítulo para Noll no seu livro *Literatura brasileira hoje* (2005). Para o autor, a obra do escritor constrói personagens fragmentados e “[...] seja qual for o livro, o protagonista é invariavelmente, um ser errante [...] que ao buscar o exílio, encontra cárceres renovados.” (p. 118-119).

Em *Berkeley em Bellagio* (2002), o escritor Joao é convidado para dar aulas na universidade de Berkeley e com este trabalho lhe é possibilitada uma viagem a Bellagio, essas viagens o auxiliam na recuperação da memória perdida. Em *Lorde* (2004), temos um escritor que é reconhecido por seu trabalho no Brasil e é convidado a viajar para Londres para escrever um livro e ministrar palestras. Ambos os romances se passam, em grande parte, fora de um espaço brasileiro e a maioria das relações dos narradores se dá com estrangeiros. A diferença, a título de espaço, é a de que ao final do romance *Berkeley e Bellagio* (2002) a personagem Joao volta ao Brasil, enquanto no caso de *Lorde* (2004), o narrador, a despeito de seus temores, é chamado para dar aulas em Liverpool.

O “outro”, nas obras supracitadas, é cortejado por reações ambíguas do “eu”: a diferença e a semelhança. A primeira é pungente nos dois romances do escritor, que coloca seu narrador em contato com outros que lhe são distintos linguisticamente e culturalmente. Os estudos do “outro” demonstram que as narrativas que trazem essa problemática são, em geral, narrativas de viagem nas quais a relação com o outro é extremada. Segundo Ana Paula Coutinho Mendes (2000), a construção do “outro” na literatura é sempre mediada, pois é transpassada pela vivência do autor e também do leitor. Para a autora, ocorre geralmente uma leitura do “outro” que incorre em sua ideologização. Seguindo as premissas da narrativa de viagem, a autora não se furta a considerar a imagem estabelecida do “outro”, frequentemente utópica. No caso do *corpus* em análise, a questão da experiência ligada ao autor, que ocasiona a intrusão de uma leitura pessoal bem específica, se intensifica, pois ambas as narrativas são autoficcionais.

A partir das contribuições da pesquisadora portuguesa, começar-se-á uma análise do “eu” partindo da ideia utópica do “outro”. Percebe-se uma supervalorização do “outro” nas duas obras de Noll, ainda que essa premissa seja mais premente em *Lorde* (2004).

Em Londres eu morreria satisfeito, juro. O que não podia era dar meia-volta e retornar ao Brasil. Para que isso não acontecesse seria capaz de matar. Eu estava despindo minha covardia, juro. As mãos

vagas, à espera da arma. Estava cagando para as consequências. (NOLL, 2014, p. 131).

Em *Lorde* (2004), o narrador deixa claro que o espaço do outro é melhor e superior à realidade que experimentara em seu país de origem. Contudo, os motivos para esse sentimento não são expostos, cabe ao leitor resolver o motivo que torna Londres um espaço único e pelo qual o personagem prefere matar ou morrer a se desvencilhar. Nessa obra, ainda, pode-se dizer que não existe apenas um processo de acréscimo de valores à cultura do outro, mas também um descrédito à figura do “eu”, sendo esse idealizado por si mesmo como de menos valia em tal cenário. O narrador não vê motivos em sua escolha para estar nesse ambiente, tampouco de ser alvo da apreciação de vários acadêmicos e de pessoas ilustres em Londres; ele beira, ao contrário, à neurose, ao se ver possivelmente deportado para sua terra natal, na medida em que acredita que os ingleses dar-se-iam conta do erro que haviam cometido.

“O fantasma de Berkeley está mesmo era lá dentro, prisioneiro na ‘Catedral’ da fundação já vazia de *scholars*. Entro no carro, divago que o *ragazzo* deve ser um mordomo daqueles bem fiéis, que acompanham a derrota do dono até o fim, isso!” (NOLL, 2002, p. 76). Nesse mesmo sentido, esse excerto, retirado de *Berkeley em Bellagio* (2002), sugere uma supervalorização do “outro” ligado ao espaço. Joao considera-se derrotado por voltar ao Brasil e a narrativa da cena pode ser comparada a um ritual fúnebre, no qual comparecem todas as personagens para testemunhar o futuro atroz que aguarda o protagonista.

Ainda em uma leitura do “outro” como figura utópica, em *Berkeley em Bellagio* (2002), destaca-se a língua do estrangeiro e seu *status* elevado. A personagem busca a todo momento adequar-se à língua e incluir a língua inglesa e a língua italiana na sua narrativa, considerando-se burro por não conseguir falar a língua do “outro”: “Quando acordo me vem de novo o inglês, *sunnyday*, *nevermind*, e todas as expressões em que eu antes tropeçava com veemente insistência sem saber por quê.” (NOLL, 2002, p. 65).

Essa passagem se refere a um momento em que a personagem se maravilha por estar de repente falando inglês. Ainda assim, essa aquisição do “outro” não é completa. O protagonista se apropria de palavras como *never* e *mind*, mas não de *nevermind* e essa brincadeira com as palavras pode ser vista também como a incapacidade de dizer “não importa” em inglês, visto que para a personagem a língua é de extrema valia, pois é um caminho para chegar ao “outro”. Essas palavras existem separadamente, mas têm um

sentido único estando juntas, tendo a última a grafia de ambas em uma única palavra – o que é sinalizado pelo uso das vírgulas.

“A primeira coisa que fiz no aeroporto de Porto Alegre foi deixar a bagagem num guarda-volumes e me dirigir ao balcão de informações e perguntar onde podia encontrar na cidade algum curso de português para estrangeiros.” (NOLL, 2002, p. 85). Joao teme ter perdido a própria língua materna no processo da aquisição de outra. Essa relação com as línguas pode ser considerada uma metáfora da relação do “eu” com o “outro”. A personagem teme perder sua língua na apreensão de uma nova, ao mesmo passo em que teme perder sua identidade por meio da relação com o “outro”. Quando essas relações entre interlíngua ou entre ele e as demais personagens acontecem, o narrador desfaz o limite de suas fronteiras, sejam elas linguísticas ou identitárias.

O “outro”, como já pontuado, é perpassado pelas ideologias do “eu” e observa-se que o escritor Joao de *Berkeley em Bellagio* (2002) tem uma ideia muito particular dos alunos americanos e de outras nacionalidades, bem como dos espaços nos quais se encontra. Todavia, é na Itália que sua visão do espaço se torna mais clara. O italiano é remetido como resquício de uma religião sagrada que é o catolicismo, nessa perspectiva, a identidade do lugar é narrada como tendo imbricada a si a figura do sagrado católico em oposição ao profano personificado na personagem.

De imediato tocou na espádua arcaica do peninsular divino, mesmo que o *ragazzo* não soubesse, não importa, era Deus que ele continha no seu peito arfante, não o Deus que não saía das igrejas, mas o Deus que pulsava atrás da calça apertada do *ragazzo*, o Deus que se aplumava e se punha rígido, colosso! (NOLL, 2002, p. 29-30).

O “eu” profano se relaciona com a figura sacra do “outro”. Nesse embate, o narrador conspurca a divindade com sua lassidão, mas ao mesmo tempo em que o faz, torna o ato e a si mesmo parte de um rito sagrado. Infere-se, pois, que as personagens se ressignificam mutuamente.

A ideologia acerca do “outro” é muito premente em *Lorde* (2004) ao pintar a figura do *gentleman* britânico. Essa premissa se insere na obra desde o título, sinalizando a existência de um *lord* inglês que não tem uma identidade referencial, mas é ressignificado por uma leitura bastante brasileira de seu “eu”. Como pode ser observado na escrita de *Lorde* (2004), com “e” no final, o acréscimo da vogal demonstra a necessidade de adequação da palavra ou conceito de *lord* para uma leitura brasileira, visto que o português não aceita a consoante “d” em posição de coda (final de sílaba),

exigindo a criação de uma nova sílaba. O “d” nessa nova divisão precisa de uma vogal que funcione como núcleo da sílaba, pois a língua não reconhece uma consoante para esse fim. Assim, *Lorde* (2004) é o resultado da apropriação do “outro” pelo “eu” do narrador brasileiro.

O título também é índice da marcação ideológica do “outro” na obra *Berkeley em Bellagio* (2002). Nesse campo, cabe ater-se à preposição “em”, pois ela redimensiona esses espaços como se um lugar estivesse dentro do outro, (re)constituindo-o. Contudo, essa leitura é interessante pela ausência do Brasil no título, ainda que o elemento de urdidura entre esses espaços seja o narrador que traz características também do espaço brasileiro. Assim, o Brasil está em Berkeley e em Bellagio, personificado nas experiências do narrador. Esses lhe são ambos estrangeiros, mostrando que o “outro” se constitui a partir do “eu”, já que a aproximação entre as duas cidades somente é possível pelo contato do “eu” brasileiro de Joao.

Até o momento, transcorreu-se sobre a criação da ideia do “outro” pelo “eu”. Nesse âmbito, fora pontuado o papel do narrador/autor como ativo na criação e na percepção desse “outro”, porém, na obra de Noll, a tensão para com o último se dá na iminente perda de si pelo contato com o estrangeiro. Os protagonistas de ambos os textos se veem constantemente modificados pelas trocas com tais figuras. A noção de “outro” é até mesmo temida, apreensão que pode ser feita com base no romance *Lorde* (2004), no qual o protagonista tem medo de perder sua identidade e vive uma relação conturbada com o espelho.

A representação do personagem ao espelho muda no decorrer do romance, sendo esse o primeiro objeto comprado pelo escritor ao chegar em seu apartamento mobiliado em Londres. O aparato representa a lembrança do que seria seu “eu”, apaziguando sua alma por representar um norte no reflexo aparentemente imutável. Todavia, ele começa a reconhecer mudanças que se deram a partir da relação com outros personagens, sendo tais alterações adicionadas a seu corpo física ou espiritualmente. A partir desse descobrimento, a personagem começa a evitar olhar para o espelho com o intuito de não perder o pouco de identidade que ainda acreditava possuir.

“Eu sou professor de português, repeti o leve sotaque gaúcho, com a mesma disposição, a minha, só que em outra superfície, mais incisiva, oleosa, a melena espessa de bárbaro a dele.” (NOLL, 2014, p. 75). Pode-se observar, nessa passagem, que a personagem, ao mesmo tempo em que busca se afirmar com base na sua língua nativa, sua profissão e seu lugar de origem, encontra resquícios no corpo de “outro” que fora

assimilando a si. Ele vê cabelos que não são seus, ou não costumavam fazer parte de uma aparência anteriormente adotada. A palavra utilizada para se referir ao desalinho busca trazê-lo a um ideário de origem, pois é uma palavra gaúcha para se referir aos cabelos, “melena”. Entretanto, “melena” representa também uma denúncia de impossibilidade de chegada à origem, pois a palavra assimilada pelo povo gaúcho é na realidade retirada do espanhol e significa cabelos com certo volume.

Em *Berkeley em Bellagio* (2002), o não reconhecimento do “eu” é sentido pelo narrador desde o início do romance, pois este se hibridiza pelo contato com o outro.

Quem me responde, e já, se o fato de eu estar aqui andando pelo bosque em plena madrugada me confere alguma garantia de que eu não seja um outro que de fato sou, um estrangeiro de mim mesmo entre norte-americanos (embora pisando em solo italiano)? Sou alguém que se desloca para se manter fixo? (NOLL, 2002, p. 36).

A mescla resulta em uma quebra de referência, visto que Joao se reconhece duplamente em contato com o “outro”. Essa pressuposição deve-se ao pós-estranhamento da cultura americana, que se introjeta em Joao e o torna parte de outro, mas, ainda assim, o narrador vê-se mais uma vez opondo sua figura à de um estrangeiro. Nesse âmbito, o “outro” americano não se esvanece, mas é trocado por um “outro” italiano, mostrando a intermitência dessa relação de oposição do “eu”.

A incerteza é gerada tanto pelo contato com o “outro”, quanto pela falta da memória. Os lapsos de memória fazem com que a busca de um norte e de uma origem para construir esse “eu” seja dificultada pelo autor. Por não se ter certeza de quem é o autor, acaba não se reconhecendo os limites entre o si mesmo e os demais. Esse esfacelamento do “eu”, refletido na falta de memória, pode ser visto na seguinte passagem de *Lorde*:

Começo a compreender que eu tinha fugido de uma situação no Brasil. Não sabia ao certo qual -'cadê minha memória?'. Eu fora autor de livros e os trouxera. Corri até a sala. Lá estavam eles sobre a lareira. Eu não os renegava. Mas, sim, o tempo que tinham me roubado para que existissem ali, de pé. (NOLL, 2014, p. 30).

A personagem procura apegar-se a sua memória e ao seu passado na tentativa de encontrar a si mesmo. Para ele, é como se o passado pudesse restituir-lhe uma essência ancestral, já que o seu “eu” foi tantas vezes refeito e não mais o representa. Outra questão interessante é a simbologia dos livros como materialidade do passado, e, nesse

sentido, o autor não os renega, mas despreza o tempo que a feitura de tais materialidades teria lhe custado.

A discussão acerca do “eu”, constituído de uma memória de si, é trabalhada também em *Berkeley em Bellagio* (2002): “Me enrosco todo de novo sobre o banco de pedra da antiga Roma, quisera ser uma ave ferida bem na asa, e aqui ficar até que alguém viesse para cuidar de mim porque já nem sei que faço nem que digo, já nem sei se sonho.” (NOLL, 2002, p. 44). Na passagem, há a imagem da ave ferida que perde sua habilidade mais visceral que é o voo e, portanto, inspira cuidados. Essa metáfora cabe ao personagem que motiva cuidados não por ter deixado de voar, mas por ter perdido a capacidade de reconhecer-se como sujeito destacado dos demais. O fato de já não saber o que faz ou o que diz, ou o que sonha, remete à necessidade da personagem de encontrar algo de seu nessas atividades, que não estejam maculados pelo desejo de outrem. Essa passagem torna-se paradoxal por mostrar o exercício do desejo de uma pureza do “eu”, mas ao mesmo tempo a necessidade da figura do “outro” para isso. É como se outro ser pudesse cuidar das feridas do narrador e devolvê-lo a um estado de normalidade. Nesse viés, pode-se aventar a possibilidade de esse bem-estar, gerado pelo cuidado, estar justamente no contato e na troca de ambas as identidades e na destituição dos desejos de pureza pelo “eu”.

A busca do passado para a restituição da identidade traz consigo a problemática do tempo. Em vários momentos nos dois romances o narrador se perde no encadeamento dos tempos verbais, o que deixa para o leitor a difícil tarefa de colocar os acontecimentos em um fluxo cronológico. Doubrovsky considera essa alteração do tempo normal como sintomática do gênero. “Ora, duas outras considerações conferem ao texto um estatuto oposto. A enunciação e o enunciado não estão separados por um necessário intervalo, mas são simultâneos. ‘Viver ou contar’, dizia Sartre em *A náusea*.” (DOUBROVSKY, 2014, p. 116).

Se eu for visitá-la todos os domingos à tardinha, essa menina teria um novo amigo que pegaria o ônibus no centro da cidade, desceria na parada próximo à casa dela, *atravessaria* a várzea onde garotos jogam bola com enormes palavrões, bateria palmas ao *chegar* à cerca de sua casa, não há cão para me assustar, venho com notícias de que consegui vaga para a criança numa escola pública bem perto, a dez minutos desse endereço, amanhã *virei* buscá-las, ela e sua mãe que apresentarei à professora [...] a mãe me agradece misturando o português com a sua língua meio exasperada, o dia quente, azul, eu me despeço da mulher toda de preto. (NOLL, 2002, p. 80; grifo nosso).

É possível lermos a falta de paralelismo verbal como a existência de um “eu” identitário do passado distinto do atual e considerado mais inteiro. Contudo, tal ideia é perpassada pela identidade fragmentada do autor; tal leitura traz novamente a análise da noção de utopia e ideologia, sendo o “outro”, nesse contexto, o próprio eu do narrador, frente ao “eu” narrado.

A partir do exposto, o conflito entre o “eu” e o “outro” pode ser tido como ponto central nas obras de Noll. Entretanto, não é apenas a tensão entre ambos, na busca de certa legitimação, que está descrita nos dois romances, mas também a confluência sadia entre esses extremos. Essa relação complementar se faz perceber pelo sexo, pois é nele que a relação de troca se torna simbiótica e que os protagonistas de ambos os romances podem partilhar de uma vivência transcendental na qual o limite entre os conceitos do “eu” e do “outro” são destruídos.

[...] o Deus que foi levado pelo escritor porto-alegrense para trás de uma cortina malcheirosa pelo tempo, o Deus que ali se deixou ordenhar como um bovino e que ali se deixou beber não bem em vinho mas em leite que o nosso senhor gaúcho engoliu aos poucos, na carestia da idade, lembrando-se da Primeira Comunhão, terço nas mãos, ar de bem-aventurança – de joelhos olhou o ragazzo como se rezasse pelos mortos seus amigos, por aqueles que não mais podiam aproveitar a vida desse jeito, sentindo o gosto áspero que ele não experimentava havia tanto, gosto desse nobre líquido que corre em seus microfilamentos – vários cavalos no páreo até um ter a sorte ou a infelicidade já não sei de fecundar a vítima. (NOLL, 2002, p. 29-30).

O excerto retirado de *Berkeley em Bellagio* (2002) retrata uma relação homossexual que possui algo de sagrado. Marcos de Jesus Oliveira (2011) considera a narração do coito entre esses dois homens por Noll como *queer*, na medida em que a inserção de tais relações como normais desafia os padrões sociais heteronormativos. Soma-se aqui a essa perspectiva o fato de que o sexo com o “outro” restitui a Joao uma noção de totalidade e essa se repete na obra *Lorde* (2004).

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. (NOLL, 2014, p. 179).

Perceber-se que o final do ato sexual traz elementos para a constituição do “eu” do narrador. Pode-se dizer, portanto, que a relação é um mecanismo massivo de assimilação do “outro” pela personagem e, ainda que o ato em si o alivie, o pós-coito torna esse sujeito mais destituído de si e mais dono do outro.

Considerações finais

O gênero autoficção aponta para a problemática do “eu”, do narrador e da referencialidade desse com a realidade. No entanto, este é muitas vezes perpassado e significado pelo “outro” ou por “outros”. Nesse prisma, o presente artigo teve por objetivo discutir a relação de mútua modificação entre conceitos tão pontuados nas obras autoficcionais. Sabe-se, como já definido por Trefzger, que reduzir a “[...] autoficção a simples solipsismo, em certos casos, revela uma visada crítica leviana e indigente. Sobretudo se nos deparamos com semelhante avaliação sem uma base argumentativa minimamente sólida.” (2013, p. 7). Assim, parece ser mais rentável pensar a centralidade do “eu” na autoficção como o reconhecimento da construção de um sujeito desde sempre múltiplo, também construído por meio do “outro”. O gênero citado parece ser um dos pilares da modernidade na exposição e crítica do que a contemporaneidade nos traz.

Assim, o “eu” como centro na autoficção pode ser apreendido como o reconhecimento da construção de uma identidade múltipla. Ao exhibir-se, ao expor seu eu mais íntimo, o “eu” esquece sua interioridade como espaço da identidade una e estável. Nesse viés, o gênero autoficcional possibilita considerar o “outro” que habita no “eu” como um componente indissociável do sujeito em constante processo de configuração de identidade. Em *Berkeley em Bellagio* (2002) e *Lorde* (2004), o narrador eleva ao paroxismo esse acolhimento do “outro”, ao afirmar: “Eu era um brasileiro a pensar em inglês o tempo todo, eu era outro em mim.” (NOLL, 2003, p. 84).

As obras de João Gilberto Noll denotam um indivíduo que busca incessantemente encontrar-se no mundo e em si mesmo, todavia seu “eu” se fragmenta com as relações que tece e, nesses atos, recebe características que lhe são estrangeiras. À busca de seu verdadeiro “eu”, encontra espaço na contemporaneidade, momento marcado por identidades fragmentadas e perpassadas por inúmeros sujeitos. A diversidade desses implica uma pluralidade de “eus” e, nesse sentido, a obra se torna sintomática de um sujeito eternamente em trânsito.

A narrativa de viagem é reflexo de tal busca, pois possibilita o olhar para o outro e para fora de si, e é nessa jornada que a personagem se encontra. Em ambos os romances, os finais mostram certa estagnação a um espaço físico, mas não representam o fim da busca pelo “eu” intrínseco. Na obra *Lorde* (2004), o protagonista se mescla ao “outro” que se descobre dando aulas em Liverpool e termina sua narrativa nesse local. Em *Berkeley em Bellagio* (2002), a volta para o Brasil situa Joao na aceitação da incógnita de ser quem não se sabe e, ao mesmo tempo, no ensino à Sarah de valores para lidar com o diferente de si.

Pode-se depreender que a única forma de se sentir inteiro é abraçar o “outro” e renegar uma visão fixa de si mesmo. Nesse âmbito, o sexo nas obras é a experimentação máxima dessa necessidade. O “eu” e o “outro” estão estilhaçados para fora do indivíduo e, na contemporaneidade, ganharam o mundo. Essas fronteiras deixaram há muito de ser fixas, mas se misturaram de forma que o “eu” tornou-se cada vez mais momentâneo, esperando o próximo vento que o torne “outro”.

REFERÊNCIAS

DOUBROVSKY, S. O último eu. In: NORONHA, J. M. G. (Org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

KLINGER, D. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

LIMA, L. C. **Júbilos e misérias do pequeno eu**: sociedade e discurso ficcional. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. (A trilogia do controle).

LLOSA, M. V. **La verdade de las mentiras**. Madrid: Alfaguara, 2002[1990].

LLOSA, M. V. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Trad. Ivone Benedett. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MENDES, A. P. C. Representação do outro e identidade: Um estudo de imagens na narrativa de viagem. **Cadernos de literatura comparada**, Porto, vol. 1, n. 1, p. 93-100, 2000. Disponível em: <http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/45e6bd57d5abe.pdf>. Acesso em: 20 Mar. 2019.

NOLL, J. G. **Berkeley em Bellagio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NOLL, J. G. *Lorde*. Rio de Janeiro: Recorde, 2014.

OLIVEIRA, M. J. Nós, poetas de nossas vidas? – desejo, homoafetividade e sujeito pós-moderno em Berkeley em Bellagio, de João Gilberto Noll. **Vivencia**, v. 1, p. 91-103, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/issue/archive>. Acesso em: 20 Mar. 2019

PINTO, M. C. **Literatura brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005.

TREFZGER, F. S. P. Autoficção: entre o espetáculo e o espetacular. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, XIII, 2013, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Editora Realize, 2013. v. 1. p. 1-9. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2013_143440_6382.pdf. Acesso em: 20 Mar. 2019.

Data de submissão: 10/05/2018

Data de aprovação: 23/08/2018